

A UFRRJ COMO IDENTIDADE TERRITORIAL: A ESPACIALIDADE E A TERRITORIALIDADE AFETIVA DA INSTITUIÇÃO

Marluce de Souza Oliveira Lima^{1*}
Robson Dias da Silva²

¹Administradora, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. *marlucesol@gmail.com

²Professor do Magistério Superior, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. *robsondsilva@gmail.com

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é apresentar a UFRRJ como parte integrante do território de Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro, sob a ótica de um agente de mudanças e a personificação do que é urbano em um espaço considerado rural. Para além do desenvolvimento urbano da região, busca-se compreender o sentimento de pertença ao espaço imaginário da Rural, quando são indicadas as relações criadas em torno de uma dimensão territorial que se conecta aos sujeitos que por ela percorrem, as quais ajudam a evidenciar uma identidade construída pela reciprocidade nas relações de afetividade, confiança e reconhecimento. Esta investigação se conduzirá qualitativamente, com o emprego de alguns recursos da pesquisa quantitativa, no que diz respeito à quantificação de alguns de seus dados. Os territórios da UFRRJ criados pelo Plano Expansão/REUNI possuem identidades, das quais inferimos que sejam diversas daquela que conhecemos por intermédio da eloquência de quem cursou a sua graduação ou pós-graduação no campus Seropédica. O projeto de reestruturação e expansão da UFRRJ reforçou aquilo que já percebíamos, tal como o discurso de um egresso do Campi ou mesmo de um ex-servidor ressaltando o quanto o espaço ocupado outrora foi importante para a sua formação acadêmica, ou a sua formação profissional, seja por um corpo de docentes cativantes, por um ambiente propício a grandes desafios profissionais, ou por simplesmente usufruir de uma atmosfera exuberante da natureza, construída e pensada para acolher aqueles que buscam o saber acadêmico, mesmo que este não fosse o seu objetivo inicial.

Palavras chaves: Desenvolvimento Urbano, identidade territorial.

UFRRJ AS A TERRITORIAL IDENTITY: THE INSTITUTION'S SPACE AND AFFECTIVE TERRITORIALITY.

ABSTRACT: The objective of this research is to present the UFRRJ as an integral part of the territory of Seropédica, municipality of the state of Rio de Janeiro, from the perspective of a change agent and the embodiment of what is urban in a space considered rural. In addition to the urban development of the region, we seek to understand the sense of belonging to the imaginary space of Rural, when the relationships created around a territorial dimension that connects the subjects who travel through it, which help to highlight an identity built by reciprocity in relationships of affection, trust and recognition. This research will be conducted qualitatively, using some resources of quantitative research, with regard to the quantification of some of its data. The UFRRJ territories created by the Expansion / REUNI Plan have identities, which we infer that are different from those we know through the eloquence of those who

attended their undergraduate or graduate courses at the Seropédica campus. The UFRRJ restructuring and expansion project reinforced what we already perceived, such as the speech of a graduate from Campi or even of a former civil servant stressing how important the space once occupied for his academic training, or his professional training, whether by a captivating faculty, an environment conducive to great professional challenges, or simply enjoying an exuberant atmosphere of nature, built and designed to welcome those who seek academic knowledge, even if this was not their initial objective.

Keywords: Urban Development, territorial identity.

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mais conhecida como “Rural”, ocupa um espaço territorial considerável no que tange as áreas limítrofes dos municípios de Seropédica e Itaguaí, pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro. Apesar do município de Itaguaí no passado estar em evidência ao indicar a instituição de ensino como parte de seu território, quando Seropédica ainda não havia passado pelo processo de emancipação, esta sempre a acolheu com as suas limitações e perspectivas de progresso sugeridas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Seropédica possui uma população estimada de 84.416 pessoas em uma área de unidade territorial de 283,766 km²¹, ressaltando uma população de estudantes da UFRRJ que podem ou não impactar os números citados no que diz respeito à população do território, visto que alguns residem nos alojamentos durante o período da graduação e outros buscam os imóveis da localidade para alugarem. Esta ação indica uma movimentação econômica em torno do município para atender uma demanda que permanece excessiva em todo o período letivo, sendo recorrente desde a instalação da Instituição no território de Itaguaí.

A partir de então, segundo a proposta de Monte-Mór (2004), a vida no campo possui privilégios aos quais estão inseridos qualidade de vida e produção agrária, porém a sua subordinação é total à cidade industrial. Em um conjunto de circunstâncias, o município de Seropédica apresenta uma identidade urbana, deveras incipiente, não impeditiva do papel desempenhado de território do poder e obra civilizatória. O que se observa é que as atividades demandadas pela UFRRJ, em seu papel rural, se tornaram essenciais na manutenção econômica do município.

O local tem uma territorialidade específica, uma delimitação, ao mesmo tempo em que tem a predominância das questões ligadas ao cotidiano, mesmo que fortemente influenciadas por questões distantes ligadas aos processos do espaço econômico abstrato. O local é então, de fato, uma escala que tem uma espacialidade marcada e uma sociabilidade específica ditada pelo cotidiano. (MONTE-MÓR, 2007, p.110)

No ano de 1948 a UFRRJ ganhou o espaço que hoje conhecemos, tendo como um dos objetivos oferecer aos discentes do curso de agronomia um ensino menos “livresco” e mais prático, já que o campus outrora localizava-se na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil. As ações para que a instituição fosse de fato instalada em Seropédica foram iniciadas pelo presidente Getúlio Vargas que determinou que fossem reunidos todos os serviços do ensino agrícola e de experimentação e pesquisas, constituindo, desta forma uma genuína Universidade Rural. O distrito de Seropédica acolhia as instalações da Rural, bem como as residências dos funcionários e suas respectivas famílias, possibilitando o desenvolvimento comercial da região.²

Daquela época aos dias atuais, a UFRRJ ajudou o território de Seropédica a se desenvolver em suas práticas comerciais, ressaltando que embora seja notória a presença da instituição universitária no município, não se deve negar a importante produção de seda, introduzida no século XIX, durante o reinado

¹ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/seropedica/panorama>> Acesso em 06mai2018.

² Diário de notícias. 20 de junho de 1943. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5742204840509/10016939-12PX=000382PY=000116.JPG>> Acesso em 20ago2018.

de D. Pedro I, no município de Itaguaí, onde se instalou a primeira indústria de seda nacional a “Imperial Companhia Seropédica Fluminense”.³

O próprio nome do hoje município de Seropédica é resultado de um neologismo formado por duas palavras de origens distintas, quais sejam, “sericeo” ou “serico”, de origem latina, que significa seda, e “pais” ou “paidós”, de origem grega, com o significado de tratar ou consertar. Da aglutinação de duas palavras, temos a definição de um local onde se cuida ou fabrica seda. Após o declínio da produção de seda e demais culturas o local passou por um longo período de abandono, só resgatando a sua posição de prestígio com a construção da antiga rodovia Rio-São Paulo (BR465) e outras atividades em distritos vizinhos, como é o caso do então distrito de Paracambi com sua recente instalação industrial têxtil⁴.

Há na época de sua criação, bem como nos dias atuais uma importante representação da UFRRJ no território de Seropédica, como agente de mudanças e personificação do que é urbano, se bem que a proposta das atividades acadêmicas foi sempre de ordem agrícola e encontrava-se definida pelo Decreto nº 6.155 de 30 de dezembro de 1943 ao qual criou a Universidade Rural e outros órgãos responsáveis pela ministração do ensino agrícola e veterinário, da mesma maneira que a execução, coordenação e direcionamento das pesquisas agrônômicas no país.

Para Raffestin (1993), a territorialidade se inscreve em um quadro de produção de troca e de consumo, não sendo adequado entendê-la como uma simples ligação com o espaço. Na verdade, a relação território/espaço está inserida em uma mutuação que envolve energia e informação, podendo produzir vizinhanças, acessos e convergências ou disjunções, rupturas e distanciamentos ao sabor das relações, as quais se manifestam em todas as escalas espaciais e sociais e dão acesso a face vibrante do poder.

Na contemporaneidade, os habitantes do município de Seropédica se deparam a cada ano com novos moradores que irão compor os espaços reservados aos que buscam os saberes acadêmicos. Suas especificidades, modos de vida e cultura são levados por estes. Saquet (2010) compõe em seu discurso a anterioridade da territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização da UFRRJ e a construção, desconstrução e reconstrução da identidade da universidade, ressaltando que as imagens identitárias e as territoriais se confrontam de acordo com as linguagens. Logo, o novo que a princípio causa estranhamento aos nativos do município, adere ao cenário como parte dos costumes do território e da flutuante população de discentes.

O olhar para o espaço ao qual se estabelece a UFRRJ nos anos de 1947, com aproximadamente 3.024 hectares e um conjunto arquitetônico de 131.346 metros quadrados de área construída⁵, torna possível entender a dinâmica construída pelo “ir e vir” dos estudantes que fazem parte da comunidade acadêmica, ainda que na prática do cotidiano essa lógica seja incompreensível, tendo em vista a dimensão do território e de todo o caminho percorrido por discentes durante o tempo de permanência no campus, ressaltando também a presença constante de professores mestres e doutores, não só do Rio de Janeiro, como também de outros estados da federação.

Isto posto, as relações criadas em torno de uma dimensão territorial unem os sujeitos que por ela percorrem, evidenciando desta forma a identidade construída, como sugere Saquet (2010) uma vida em sociedade, um campo simbólico que envolve a reciprocidade nas relações de afetividade, confiança e reconhecimento. O autor ressalta que a espacialidade e/ou territorialidade estão ligados a este conceito, logo o que é vivenciado no território da Rural se constrói e se materializa através destas manifestações de diletção.

A UFRRJ acolhe personagens de vários Estados do Brasil e de alguns países da América Latina formando um grande “melting pot” de diferentes elementos, que de uma mistura heterogênea compõem uma cultura comum, qual seja, a grande nação “Ruralina”. Por ela, os respectivos cidadãos criam os seus códigos de conduta, como em qualquer comunidade acadêmica, iniciando os sujeitos recém-chegados à instituição. Os “troles” são um exemplo da primeira regra a ser conhecida pelos novos integrantes da academia, posto que, de forma pouco agradável em alguns casos.

³ Disponível em: <www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/complexo_da_seda/folder_origem.pdf> Acesso em 20ago2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.seropedicaonline.com/seropedica/a-historia-de-seropedica/a-historia-de-seropedica/>> Acesso em 20ago2018.

⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_Rural_do_Rio_de_Janeiro> Acesso em 16mai2018.

No intuito de entender a relação particular que um grupo social mantém com seu respectivo território, utilizo o conceito de cosmografia (Little, 2001), definido como os saberes ambientais, ideologias e identidades - coletivamente criados e historicamente situados - que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território. A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele. (LITTLE, 2004, pág. 254)

As “normas” foram concebidas em algum momento, para uma boa convivência no campus, seja nos alojamentos, ou nas estradas que os levam até aos institutos, caminhos percorridos, em alguns casos, por grupos formados por suas ideologias, que em determinadas situações são responsáveis por mobilizar a instituição para clamar por segurança no deslocamento de todos os discentes e componentes, em especial as estudantes mulheres e professoras.

No ano de 2016, o movimento de mulheres “me avise quando chegar” foi criado em virtude do aumento dos casos de violência – estupros e assédios – dentro do campus e na cidade de Seropédica. Nesse mesmo período, os discentes ocuparam a reitoria da universidade em ato contra a PEC 241, que limitou o teto dos gastos públicos por 20 anos. A decisão pela ocupação, à época, foi tomada em assembleia de forma unânime. O prédio principal (P1), também fez parte da estratégia de ocupação.

O espaço da universidade cumpre também o papel reivindicatório de demandas internas, bem como externas, que abarcam assuntos de grande impacto na vida acadêmica, como exemplo, a PEC 241. Os discentes são considerados protagonistas em muitos aspectos, uma vez que os saberes adquiridos no território acadêmico transbordam para além deste universo, permitindo que desta ação seja construído um capital cultural, “um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (Bourdieu, 2007).

O território e as suas identidades

A UFRRJ, por meio dos seus sujeitos representados por alunos e servidores, propõe nas ações de seu cotidiano um conjunto de identidades que perpassam por todo o território ruralino. Resgatando os estudos de Raffestin (2003), os territórios podem ser classificados como do cotidiano, das trocas, de referência e sagrado. No caso da Rural entende-se que as identidades atribuídas a esta circulam claramente entre o cotidiano, a troca e a referência.

Para melhor compreensão, Raffestin (2003) definiu o que cada uma delas representa. A primeira, intitulada por território do cotidiano, é por definição o território de todos os dias, aquele que se garante a satisfação das necessidades, um arquipélago de lugares isolados, no entanto, espaços de mobilidade que permitem tensões e distensões, o previsível e o imprevisível. É a linguagem do cotidiano se fazendo presente.

A segunda identidade territorial atribuída a instituição seria a da troca, a qual se constrói e se desconstrói ao sabor das relações e conforme a frequência. Uma grande articulação entre o regional, o nacional e o internacional. E por fim, a referência territorial, um lugar que outrora habitado, na atualidade faz parte da memória, material e imaterial, do subjetivo e do histórico. Um lugar alimentado por imagens na identidade atual. Importante frisar o aspecto objetivo material e imaterial da Universidade, tanto no aspecto espacial (nacional e internacional), quanto no funcional (como órgão e entidade), em grau de importância ao que ela representa, oferece, se faz conhecida e que traz conhecimento e relações com demais universos de meios afins.

Assim como o espaço da universidade se torna carregado de significados, composto por algumas identidades, ele também é responsável por gerar esse novo sujeito que dantes possuía uma identidade unificada e estável, e hoje se torna fragmentado, composto por várias identidades, algumas contrastantes e por vezes não resolvidas. Para Hall (2006), as identidades que compunham as paisagens sociais e asseguravam uma conformidade subjetiva às necessidades objetivas da cultura estão em declínio, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O processo de identificação ao qual idealizamos nossas identidades culturais apresenta aspecto provisório, variável e até problemático.

Este sujeito fragmentado se mostra presente no cotidiano do espaço universitário, transitando entre o real e o imaginário, no que tange ao território de suas ações. A territorialidade, por um conceito de Soja (1971) é concebida por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e

compartimentação da interação humana no espaço. Pela natureza dos elementos elencados só é possível a apreensão das relações que sejam recolocadas em um mesmo contexto sócio histórico e espaço-temporal, logo, o que conhecemos por Universidade Rural, em Seropédica, não se traduz com a mesma intensidade nos outros Campi que a instituição possui, quais sejam, Instituto Multidisciplinar (IM), localizado na cidade de Nova Iguaçu e o Instituto de Três Rios (ITR), localizado no município de Três Rios.

Para melhor ilustrar a existência de dois Campis fora da sede localizada em Seropédica é necessário que seja feito um breve histórico sobre a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). No ano de 2001, para dar cumprimento ao art. 205 da Constituição Federal de 1988, o qual define a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, foi elaborado o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), que fixou metas responsáveis por um aumento considerável dos investimentos nessa área, além do escopo previsto para ampliação do número de estudantes atendidos em todos os níveis da educação superior.⁶

Passado um quinquênio, o governo federal e o Ministério da Educação (MEC) estabeleceram discussões, das quais fizeram parte as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), a fim de superar o número de universidades federais, além da reestruturação e expansão das já existentes por meio do REUNI. A demanda se justificava pela elitização do acesso à educação superior percebida, questionada e apontada como uma das formas de exclusão social, portanto necessária à ação a fim de que houvesse a superação de tal processo discriminatório.

Por uma iniciativa do governo federal, em 24 de abril de 2007, foi publicado o Decreto 6.096/07 que Instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. A intenção do programa era se debruçar sobre a ampliação do acesso e a permanência dos estudantes na educação superior implantando uma série de medidas que fortalecessem o resgate da importância de se ter um ensino superior público de qualidade.⁷

O projeto pretendia congrega esforços para a consolidação de uma política nacional de expansão da educação superior pública, por meio do Ministério da Educação (MEC) ao qual cumpre o papel atribuído pelo Plano Nacional de Educação (PNE), quando estabelece o provimento da oferta de educação superior para uma faixa de 30% dos jovens com idade entre 18 a 24 anos, até o final de 2010.⁸

O momento de ação do REUNI era propício para ações estruturais modificadoras, quais sejam, a abertura de cursos noturnos e a flexibilização de currículos, a fim de que as universidades federais desempenhassem o papel multiplicador do conhecimento produzido na academia, recorrendo a sua aplicação útil e de qualidade, não obstante a proposta essencial dos espaços universitários seja a produção do conhecimento científico e tecnológico capaz de solucionar problemas e produzir inovações tecnológicas aplicáveis ao fomento de políticas públicas e estratégicas de desenvolvimento.

Para sobreviver, as universidades têm de estar ao serviço destas duas ideias mestras – sociedade de informação e economia baseada no conhecimento – e para isso têm de ser elas próprias transformadas por dentro, por via das tecnologias da informação e da comunicação e dos novos tipos de gestão e de relação entre trabalhadores de conhecimento e entre estes e os utilizadores ou consumidores. (SANTOS, 2004, pág.19)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os territórios da UFRRJ criados pelo Plano Expansão/REUNI possuem identidades, das quais inferimos que sejam diversas daquela que conhecemos por intermédio da eloquência de quem cursou a sua graduação ou pós-graduação no campus Seropédica. O projeto de reestruturação e expansão da UFRRJ reforçou aquilo que já percebíamos, tal como o discurso de um egresso do Campi ou mesmo de um ex-servidor ressaltando o quanto o espaço ocupado outrora foi importante para a sua formação acadêmica, ou a sua formação profissional, seja por um corpo de docentes cativantes, por um ambiente propício a grandes desafios profissionais, ou por simplesmente usufruir de uma atmosfera exuberante da natureza, construída e pensada

⁶Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf&Itemid=30192> Acesso em 01ago2018.

⁷ Disponível em: <<http://portal.ufrrj.br/institucional/a-rural-hoje/>> Acesso em 01ago2018.

⁸ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>> Acesso em 01ago2018.

para acolher aqueles que buscam o saber acadêmico, mesmo que este não fosse o seu objetivo inicial.

A identidade dos Campi IM e ITR expõe interseções tais por meio das demandas locais que apresentam. As cidades anteriormente citadas exibem peculiaridades diversas às apresentadas pelo município de Seropédica, principalmente no que diz respeito à força do termo “rural” na avaliação de seu território, se bem que, na atualidade, este critério encontre apoio, em alguns casos, somente no valor da palavra.

Mesmo não apresentando as mesmas características marcantes do Campi Seropédica, os IM e ITR são tocados pela definição de Raffestin (2003) quanto a formação de sua identidade territorial. Há indícios que o cotidiano, a troca e a referência também façam parte desta construção, por uma abordagem múltipla do território, onde as suas interfaces se tornam simultâneas e superpostas em uma mesma área, como o autor exemplifica, territórios políticos, culturais e econômicos concomitantes e interligados.

Para Chelotti (2010) a identidade é concebida baseada nas subjetividades individuais e coletivas relacionadas aos grupos sociais ou ao pertencimento territorial. Destarte, trazer à dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico torna possível uma farta análise sobre a produção do espaço, das paisagens e das territorialidades. De forma a enriquecer a definição do autor, Anderson (2008) acrescenta o conceito de uma comunidade percebida por uma profunda camaradagem horizontal, onde fraternalmente os seus integrantes se reconhecem, apesar de nunca terem se visto ou se relacionado, o que faz entender e refletir sobre o sentimento ruralino de ser.

REFERÊNCIAS

Anderson, Benedict R. (2008) *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

BRASIL (1943) Decreto-Lei nº 6.155, de 30 de dezembro de 1943. Reorganiza o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, do Ministério da Agricultura, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6155-30-dezembro-1943-416361-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 03ago2018.

BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 03 ago 2018.

BRASIL (2001). Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10172.htm> Acesso em 03 ago 2018.

BRASIL (2007). Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm> Acesso em 03 ago 2018.

Bourdieu, Pierre. (2007) *Escritos de educação*. NOGUEIRA, M. A.(Org.). Petrópolis: Vozes.

Chelotti, Marcelo C. (2010) *Reterritorialização e Identidade Territorial*. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (1): 165-180, abr.

Diário de notícias. 20 de junho de 1943. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5742204840509/I0016939-12PX=000382PY=000116.JPG>> Acesso em 20ago2018.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (2006) Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/seropedica/panorama>> Acesso em 06mai2018.

Little, P. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. (2004) *Anuário Antropológico/2002-2003*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 251-290. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003_paullittle.pdf> Acesso em 06mai2018.

Monte-Mór, Roberto Luís. *A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo*. (2004) II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado Santa Cruz do Sul, RS – Brasil - 28 setembro a 01 de outubro de 2004.

_____. Cidade e Campo, Urbano e Rural: O substantivo e o Adjetivo. (2007) In: FELDMAN, Sarah; FERNANDES, Ana: (Orgs.). *O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões, desafios*. Salvador: EDUFBA.

PORTAL MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>> Acesso em 01ago2018.

PORTAL UFRRJ. Disponível em: <<http://portal.ufrj.br/institucional/a-rural-hoje/>> Acesso em 16mai2018.

RAEI

Raffestin, Claude. *Por uma Geografia do poder*. (1993) São Paulo: Ática.

Santos, Boaventura de Sousa. *A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Brasília, 2004. Trabalho apresentado em Brasília, em abril de 2004, no âmbito do calendário oficial de debates sobre a universidade. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Acesso em: 01 ago 2018.

Saquet, Marcos Aurélio. *A identidade como unidade processual relacional e mediação no desenvolvimento do e no território*. 2010 In: Saquet, M.A. *Abordagens e concepções de território*. 2. Ed., São Paulo: Expressão Popular, pp.147-155.

Soja, E. W. *The political Organization of Space*. (1971) Washington, D.C: AAG Comission on College Geography.

Received on Jan 01, 2020.

Accepted on Jan 01, 2020.